

OS PONTOS MAIS QUENTES DO LIVRO DE CARLOS CRUZ

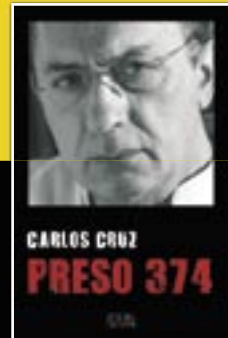
SEMANAL  
www.visaonline.pt

Nº 608 • 28 DE OUTUBRO A 3 DE NOVEMBRO 2004

PORTUGAL €2,70

# VISÃO

AS FOTOS DE  
**Sebastião Salgado**  
**Gênesis**  
GALÁPAGOS II



# BUSH vs. KERRY

## QUEM VAI MANDAR NO MUNDO?

Reportagens nos bastiões dos dois candidatos

Artigos de José Saramago e do general Tommy Franks

Entrevista com John Kerry

Todos os mapas e dados para seguir as eleições americanas

DOSSIER ★ ESPECIAL



**sete**  
+ ROTEIRO  
+ CINEMA  
+ TV  
+ INFORMAÇÃO

**FISCO**

Uma polícia sob suspeita



**PAUL AUSTER**

Confissões à VISÃO em NY

**VENEZUELA**

As avós traficantes de Arraiolos

# O Outono de Mr. Auster

## CULTURA

Visitou Lisboa em 1995 e, desde então, guarda o desejo de regressar. Talvez por isso tenha Paul Auster posto Portugal no enredo do seu mais recente romance, *A Noite do Oráculo*. A anteceder a tradução portuguesa da obra, que no próximo dia 9 será posta à venda, o escritor abriu à VISÃO as portas da sua casa em Nova Iorque. Para falar de livros, de cinema, de política. E da vida que, agora, aos 57 anos, lhe dá uma outra estação

SARA BELO LUÍS

**A**li não há avenidas largas nem arranha-céus. Na 2nd. street de Brooklyn, o ambiente é próprio do bairro residencial que Paul Auster tantas vezes retratou nas suas ficções. A copa das árvores cobre o passeio e as casas, alinhadas umas às outras, só têm dois pisos. À porta vem Siri Hustvedt, a escritora e a mulher que Auster conheceu no dia 23 de Fevereiro de 1981, conforme deixou registado em *Leviathan*. Logo atrás vem Paul Auster. E, já durante a entrevista com a VISÃO, há-de vir Sophie, chegada da escola com a mala carregada de livros. A família está preocupada porque Jack, o velho cão de que os leitores incondicionais de Auster também já ouviram falar, caiu das escadas na noite anterior.

Já houve quem por aqui andasse à procura da Nova Iorque do autor, seguindo os indícios por ele deixados na obra.

À esquina da rua onde vive Paul Auster, porém, não existe nenhuma tabacaria como a de *Smoke* e de *Blue in The Face*, os filmes que Wayne Wang realizou sobre argumentos de Paul Auster. Nem tão-pouco a Paper Palace, a papelaria de *A Noite do Oráculo*, o seu mais recente romance cuja tradução portuguesa estará disponível nas livrarias já no próximo dia 9 com a chancela das Edições Asa. Nele, o escritor Sidney Orr ainda recupera de uma doença que lhe foi quase fatal quando descobre um caderno de fabrico português que o conduz de novo à escrita. Sob a influência desse pequeno bloco de notas, a personagem escreve na ideia de que o que escreve vai acabar por acontecer. A história de *A Noite do Oráculo* desenvolve-se depois no sistema de caixas chinesas que Paul Auster tanto aprecia. Do enredo principal ao romance dentro do romance, das notas de rodapé à reprodução de uma misteriosa lista telefónica da Polónia, Portugal surge como

um país «perfeito»: «Pessoa é um dos meus escritores preferidos. Deitaram abaixo Salazar e agora têm um governo decente. O terramoto de Lisboa inspirou Voltaire a escrever *Candide*. E Portugal ajudou milhares de Judeus a fugirem da Europa durante a guerra. É um país bestial.» Parece uma ironia, mas – como adiante se verá – Paul Auster já não visita Portugal desde 1995. Quer voltar. Para, com Siri Hustvedt, ir às Janelas Verdes ver os quadros de Hieronymus Bosh que estão no Museu de Arte Antiga.

**VISÃO: A Noite do Oráculo começa com um caderno de capa azul made in Portugal que altera completamente a vida do protagonista, Sidney Orr. Os seus leitores portugueses querem saber – de onde veio este caderno?**

**PAUL AUSTER:** Claro que eles querem saber, mas na verdade não posso dar-lhes uma resposta muito precisa. Pensei pela primeira vez na ideia de escrever um livro sobre um caderno em 1982, justamente o ano em que decorre *A Noite do Oráculo*. Na altura escrevi algumas páginas que, no entanto, acabaram por ficar de lado à espera do dia certo. Porque é que o ▶

“ Se me sinto confortável? Sei que o Paul Auster dos 30 anos já não vai regressar ”

# “ Estamos a viver uma verdadeira guerra cultural na América ”

► O OUTONO DE MR. AUSTER

mesmo que me apetece fazer histórias encadeadas. Tudo isso se desenvolve organicamente. Também escrevi livros que seguem em linha recta como *Mr. Vertigo* ou *A Música do Acaso*.

**Em *A Trilogia de Nova Iorque* havia uma personagem que fingia ser Paul Auster. Agora, em *A Noite do Oráculo*, o apelido de John Trause é um anagrama do seu apelido.**

Ele não me representa. Mas veja bem: a história tem dois romancistas, um tem 34 anos e outro tem 56. No fundo, esse período corresponde exactamente à extensão da minha própria vida literária enquanto romancista. Acho que, primeiro, estava a pensar em mim próprio jovem e, depois, em mim próprio velho. Quis enterrar-me algures naqueles livros.

**E agora, já se sente mais confortável nos seus 57 anos?**

Se me sinto confortável? Sei que o Paul Auster dos 30 anos já não vai regressar.

**Durante vários anos, dedicou-se a traduzir livros do francês para o inglês. Encontrou na tradução o prazer do jogo de palavras ou uma outra forma de escrever?**

Essa história tem várias etapas. Numa primeira fase, quando tinha 20/30 anos, traduzi muita poesia francesa. E hoje percebo quanto esse exercício me ajudou enquanto poeta. Não há, de facto, melhor forma de compreender um texto que dissecá-lo palavra a palavra, músculo por músculo, osso por osso e, depois, tornar a compô-lo noutra língua. Mais tarde, encontrei na tradução uma forma de ganhar a vida. Mas nestes

casos a dor de traduzir livros medíocres era tão grande que o fazia tão depressa quanto possível.

**Está a pensar regressar ao cinema?**

Nas últimas três semanas tenho estado a trabalhar num guião de um filme de Patrice Leconte. Não vou estar envolvido na produção, mas não consegui recusar uma

à volta de todas as dificuldades com que ele se depara no pós-11 de Setembro. É um filme muito oportuno porque fala do que está a acontecer agora nos Estados Unidos. Espero sinceramente que o projecto seja concretizado.

**Depois do 9/11, sente que o regresso à normalidade chegou algum dia a ocorrer?**

É uma pergunta difícil de responder. É um facto que as pessoas continuam a acordar de manhã, que os adultos vão trabalhar e que as crianças vão para a escola. E, neste sentido, a vida continuou. Mas, ao mesmo tempo, a atmosfera do país mudou completamente.

**Do país ou da cidade de Nova Iorque?**

Mais do país do que da cidade. Apesar de ter sido aqui que fomos atacados, penso que não vivemos no clima e no estado de pânico em que vivem muitas outras pessoas no resto do país. Na minha opinião, a administração Bush alimentou essa atmosfera de medo. E fê-lo de propósito, segundo uma estratégia extremamente perigosa que não nos ajudou – nem a nós nem ao mundo inteiro. Há uns dias, John Kerry disse qualquer coisa como «gostaria de reduzir o terrorismo», demonstrando que aquela era a forma de encarar os problemas do mundo. No debate de ontem à noite [o último dos três debates entre os candidatos, realizado a 13 de Outubro], Bush gozou com o que Kerry tinha dito, argumentando que o terrorismo tem maior controlo sobre as nossas vidas do que Kerry pensa. E, a meu ver, ele está a empolar o problema.

**Há quem diga que a América está completamente dividida e polarizada. Concorda?**

Sim, absolutamente. Por um lado, há a parte Norte da Costa Leste, a região dos Grandes Lagos e a Costa Oeste, que são liberais e seculares. Por outro lado, há o Sul, o Midwest e o Lower Midwest, que são muito conservadores e muito cristãos. E o que me preocupa é que a comunicação entre ambos se está a tornar cada vez mais difícil. Estamos a viver uma verdadeira guerra cultural na América.

**Não terá sido sempre assim?**

Não, nem sempre. Alguém dizia noutra dia que nem no tempo de Ronald Reagan, um Presidente que eu odiava, havia tão pouca cooperação no Congresso entre democratas e republicanos. Eles não ►



GWYNETH HUGHES/DA SILVA

**O ESCRITOR EM LISBOA** Da última vez que visitou Portugal, em 1995, Paul Auster leu excertos de *O Caderno Vermelho* no cineteatro do Monumental. A lotação esgotou-se

proposta tão interessante. Normalmente, fico bastante triste depois de acabar um livro e agora, ao terminar *The Brooklyn Follies*, entrei numa depressão que me fazia andar às voltas. Sentia-me perdido e, por isso, pensei que talvez fosse bom dedicar-me ao guião.

**De que trata esse guião?**

De certa maneira, trata-se do filme mais politicamente empenhado que eu alguma vez fiz. Passa-se quase sempre em Queens e o herói da história é um americano de origem árabe, um egípcio. A história gira

## ▶ O OUTONO DE MR. AUSTER

cooperam, eles não colaboram, eles não conseguem chegar a um consenso. Eles limitam-se a guerrear-se. Do meu ponto de vista, os republicanos mais conservadores levaram tão longe as suas ideias que até demonizaram pessoas que não passam de moderados. Nos últimos quatro anos, vive-se num ambiente assustador neste país.

**O que é que lhe parece que vai acontecer a 2 de Novembro?**

Tenho esperanças que Kerry vença. Desde o princípio da campanha que acho que ele vai ganhar e, apesar dos momentos difíceis que têm ocorrido, ainda sinto que ele vai ganhar. Ninguém que tenha votado em Al Gore nas eleições de 2000 vai, em 2004, votar em Bush. No entanto, muitas das pessoas que votaram em Bush desta vez não vão votar, pois ele até conseguiu virar contra ele alguns dos republicanos mais tradicionais. Quando viajo, falo sempre com as pessoas para tentar perceber o que é que elas pensam. E tenho encontrado muita gente que sempre votou no Partido Republicano e que, agora, me diz que «só por cima do meu cadáver eu votaria em George W. Bush». Podemos por isso ter uma grande surpresa a 2 de Novembro.

**Acha que John Kerry é um candidato forte?**

À medida que o vou vendo e ouvindo, vou gostando cada vez mais dele. No princípio, não estava muito entusiasmado, embora agora ache que ele se saiu muito bem nos debates. O seu discurso é coerente e parece-me que ele tem uma visão do mundo que não é desprezível. Eu teria adoptado uma posição ainda mais dura, mais à esquerda, mas compreendo que, neste clima particular, a posição de John Kerry faça mais sentido para a generalidade do povo americano.

**Participou em algumas iniciativas de recolha de fundos para a campanha de Kerry. Em sua opinião, qual é o papel dos intelectuais nos dias de hoje?**

Também somos cidadãos e, como tal, temos direito de expressar as nossas opiniões. Penso que, em tempos difíceis como



'THE BROOKLYN FOLIES' Paul Auster acabou de entregar ao seu editor americano mais um dos seus «livros de homens feridos». Agora, prepara um guião para o realizador francês Patrice Leconte

estes que estamos a viver, devemos erguer a voz. Esta entrevista, por exemplo, começou por ser uma entrevista literária e, agora, está a fazer-me perguntas políticas. E por isso eu digo o que penso.

**Há quem argumente que um escritor deve limitar-se a escrever enquanto que um político deve limitar-se a fazer política.**

Às vezes até há escritores que se tornam políticos. E políticos que lêem livros. Em certos países, como Israel, é vital que os escritores tenham voz. As pessoas ouvem David Grossman ou Amos Oz. Imagine-se como seria aquele país se homens como estes não tivessem a coragem de escrever e expressar a sua opinião.

**Alguma vez pensou em voltar para a Europa?**

Às vezes, eu e a Siri [Siri Hustvedt, a mulher] dizemos que, se Bush ganhar,

vamos para outro sítio qualquer. Porém, isso não passa de uma brincadeira. Estamos empenhados em ficar aqui. Vivi em França numa época muito especial. Eu era muito novo, estava muito envolvido na política e havia a Guerra do Vietname. Queria escrever, mas não conseguia concentrar-me. E, na altura, pensei que, saindo dos Estados Unidos, talvez pudesse ter a paz necessária para decidir o que queria fazer no futuro. Cheguei à Europa sem saber se era um escritor e voltei para casa com essa certeza.

**Sente-se verdadeiramente americano?**

Não ponho rótulos em mim mesmo. Vivo aqui, escrevo em inglês e, nos meus livros, falo sobre a América. Este é o meu lugar. Este é o meu mundo. Mas, ao mesmo tempo, não só viajo como estou atento ao que se passa noutros sítios. Acho que todo o americano tem um pé na América e um pé noutro sítio qualquer.

**E onde está o outro pé do Paul Auster?**

Sim, talvez esteja algures na Europa. Espiritualmente. ■

“ Não penso em *A Noite do Oráculo* como uma exploração da imaginação *versus* realidade. Para mim, é antes uma meditação sobre o tempo ”